**CAPÍTULO PRIMEIRO**

 **OBRA PEDAGÓGICA DE ENRIQUE DE OSSÓ**

A vida de um homem de ação transcorre através de múltiplas realizações. Concretiza ações que, se são capazes de sintonizar com a vida latente no agito cotidiano, tornam-se fecundas. Dom Enrique foi assim. Se se quer conhecer sua obra, pode-se estudar tudo o que fez e definir suas características, ou pode se tentar entender o que o moveu a atuar, quais foram os contextos nos que quis incidir, as decisões que tomou e a evolução pessoal que tudo isso lhe supôs. Observar a maneira com que apostolicamente abordou com fruto a realidade, permite conhecer os critérios e as atitudes mais profundas de sua pessoa, que transcendem seu tempo. Este segundo enfoque é o deste capítulo, suas obras foram relacionadas com as de seus contemporâneos, foram buscadas as fontes em que se inspirou e nelas se observou que ideias assumiu e quais omitiu, foram descritos os contextos e se identificaram os objetivos e decisões. Destas constatações e confluências, emergem as características de seu pensamento pedagógico.

Segundo ele mesmo recorda, sentiu o chamado ao magistério antes que ao do sacerdócio. Primeiro expressou que queria ser mestre, e anos mais tarde, depois da morte de sua mãe, manifestou com força o desejo de ser sacerdote, como identificação com Jesus e ação em benefício dos outros. Uma vez no seminário de Tortosa, passou sua adolescência e juventude progredindo brilhantemente nos estudos, dedicando tempo aos demais como membro da sociedade São Vicente de Paula; durante as férias, junto a espaços de lazer, encontrava tempo para o ensino do catecismo.

Em sua época de estudo em Barcelona, no seminário de Belém, situado em *Las Ramblas* e dirigido pelos jesuítas, substituía nas aulas de Física ao professor Arbós, quando este não estava presente. Durante o inverno de 1866-67 iniciou como professor de Matemática no Seminário de Tortosa, sendo subdiácono e dois anos mais tarde o bispo Vilamitjana o encarregou como Coordenador da Catequese em Tortosa. Começou ajudado opor alguns seminaristas no curso 1869-70[[1]](#footnote-1). Ao finalizar o terceiro ano dessa catequese decidiu transmitir sua experiência e suas ideias de atualização catequética baseadas na renovação pedagógica e em julgo de 1872 escreveu o seu primeiro livro: *Guia prático do Catequista.* Pretendia ser uma ajuda para a formação do catequista. Esses meses de verão foram o ponto de partida para a extensa produção literária de Enrique de Ossó. Suas 66 obras se distribuem em: 6 regulamentos para associações; 8 escritos de caráter pedagógico; 13 obras de teresianismo; 4 novenas; 18 textos para a Companhia; 11 publicações de espiritualidade; 6 opúsculos vários. Como uma síntese geral de toda sua obra, pode-se dizer que Dom Enrique abordou a tarefa evangelizadora desde uma ótica pedagógica: observou a sociedade, movido pelo evangelho captou uma necessidade, e procurou resolvê-la “educando” as pessoas.

Seus dotes pedagógicos, sentidos já na infância, foram concretizando-se progressivamente e consolidando-se na medida que buscava estender o conhecimento e amor de Jesus. Seu trabalho educativo nasceu no marco da ação catequética e se serviu dela como um meio. Nestes primeiros anos não partiu de um sistema educativo definido, nem, foi sua intenção elaborar um programa detalhado de pedagogia de posterior aplicação. Concebeu-se a si mesmo como um missionário de Jesus e queria dar a conhecer o evangelho eficazmente, que Jesus se formasse de verdade no coração das pessoas e não se ficasse só na doutrina. Este foi o enfoque vital que facilitou a evolução desde sua inicial intencionalidade educativa até chegar a formular um pensamento pedagógico. Realmente, ao entrar em contato com suas obras, tanto as que expressam um sentido pastoral como as que têm um caráter formalmente pedagógico, emerge um processo em que se pode identificar três etapas.

Nos anos 1872-1875 estava convencido de que na catequese residia a regeneração da Igreja e da sociedade. Para renovar a catequese “obsoleta” de sua época, inovou a ação catequética aplicando-lhe métodos pedagógicos; se tratava de uma pedagogia a serviço da fé. No período 1876-1886 fundou e organizou uma congregação religiosa educativa com o fim de forma a Jesus no coração da infância, baseando-se em Teresa de Jesus; para que a ação desse grupo alcançasse seu fim próprio, desenhou dois meios imprescindíveis: a organização como corpo e a definição do perfil de seus membros; a pedagogia a serviço da formação de um corpo educativo-apostólico. A partir de 1886 quando a Companhia funcionava com suficiente consistência iniciou a elaboração de uma metodologia própria, em consonância com sua finalidade e estilo educativo para incidir mais eficazmente na personalidade da criança.

Em cada uma destas etapas ***2***, para compor suas obras, se serviu de autores[[2]](#footnote-2) que tiveram experiência e se destacaram por sua qualidade nesta área do saber. Em sua época de diretor de catequese incorporou experimentados catequistas; ao organizar a Companhia buscou fundadores de congregações dedicadas ao ensino e grandes santos; ao redigir uma pedagogia incorporou textos dos melhores pedagogos do momento. Nas ideias e na organização educativa se mostrou um homem aberto às inovações sociais; o eixo no que sustentou o pensamento pedagógico foi o espírito de Teresa de Jesus, no enfoque de sua concepção se inclinou pelo catolicismo tradicional.

1. **PEDAGOGIA E TRANSMISSÃO DA FÉ (1872-1875)**

*1872. GUIA PRÁTICO DO CATEQUISTA*

Na Espanha do princípio do século XIX abundavam os catecismos em forma de perguntas e respostas que propiciavam a aprendizagem memorizada dos ensinamentos do Evangelho. Não tardaram em surgir tentativas de inovação. Balmes sublinhou que esta forma de ensino não chamava suficientemente a atenção sobre os fundamentos da fé, de modo que as crianças ao entrar na sociedade não possuíam em seu entendimento as luzes que poderiam sustê-los no prosseguimento da Religião. Com o fim de fazer frente a este problema escreveu sua obra *A Religião demonstrada ao alcance das crianças.* Explicava os conteúdos da fé numa linguagem coloquial, assim as crianças poderiam compreender sua mensagem, e a semente, semeada em seu coração, poderia dar fruto[[3]](#footnote-3).

Na França um jovem sacerdote, Dupanloou[[4]](#footnote-4), regenerou sua paróquia inovando os métodos catequéticos, era um educador nato. Ordenado bispo, escreveu um *Método Geral da Catequese* (1861) sob este nome incluiu textos de grandes mestres espirituais que tratavam deste tema. Opinava que, bebendo nas fontes da fé, se poderia renovar a catequese, e com ela as crianças, única esperança da Igreja. Em sua obra “*Da educação”[[5]](#footnote-5)* reconhecia que apesar dos germens do mal na alma da criança, Deus quer a[[6]](#footnote-6) . A educação pode transformar positivamente e a família possui uma importância capital[[7]](#footnote-7) Essa intenção de buscar meios que garantissem a fecundidade da catequese, originou também a obra de Francisco Javier Besalú, *Ensino Catequético[[8]](#footnote-8).*

Enrique de Ossó, sendo estudante, nas publicações dos melhores autores católicos do momento, assimilava ideias daqueles que desejavam ajudar a Igreja e a Espanha, envoltas em conflitos de todo o tipo. Pouco depois, como responsável da catequese da cidade, e para dar novo alento a seus colaboradores, em maio de 1871 teve a intenção de “imprimir o regulamento e uma instrução sobre o modo de fazer a catequese”[[9]](#footnote-9). Um ano mais tarde, este propósito apostólico se concretizou num livro. Com a fecunda experiência de três anos dedicou a obra a seus sócios catequistas.

O objetivo da obra era formulado assim: “Todo nosso afã como se pode observar se dirigiu a formar bons catequistas, pois com eles e só com eles se pode regenerar o mundo atual[[10]](#footnote-10). Dois são os objetivos que pretendia: “Nosso trabalho se dirige, pois, a formar bons e zelosos catequistas[[11]](#footnote-11). Estava convencido de que” o Catecismo assim como é a última esperança de regeneração do mundo, deve ser o primeiro cuidado de um zeloso sacerdote”[[12]](#footnote-12). Objetivos que ficam claramente refletidos na estrutura da obra[[13]](#footnote-13). O fim buscado era qualificar as pessoas para que, melhoradas, melhorassem o ambiente. Oferecia uma série de meios e conselhos tanto interiores como externos que para ele haviam sido eficazes, para que o catequista pudesse encontrar seus mesmos resultados práticos. Não procurou abrir uma nova via especulativa nem oferecer uma nova teoria catequética.

Dia 26 de julho de 1876, Dom Enrique escreveu[[14]](#footnote-14) ao Dr. Félix Sardá y Salvany, enviando-lhe os originais de seu primeiro ensaio. Necessitava sua aprovação como censor e suas correções de amigo. A falta de elaboração do texto[[15]](#footnote-15)***5*** foi uma das observações que recebeu como resposta, característica que acompanhará sempre Ossó, escritor e que posteriormente facilitaria a identificação de suas fontes e o conhecimento de sua personalidade. O mesmo Dom Enrique reconheceu[[16]](#footnote-16) o uso de fontes extrínsecas e explicou que seu papel havia sido aglutinar a excelente doutrina das obras consultadas, para que seus colaboradores pudessem tirar proveito delas. Utilizou suas fontes em três níveis diferentes: Soto, Pratmans e Besalú ajudaram Enrique a estruturar o conteúdo; de Gaume, Faber e Ségur assimilou suas convicções; Ramière, Afonso Maria de Ligório, Planas e Frei Luís de León o enriqueceram com suas ideia Calixto de Soto[[17]](#footnote-17), escolápio, foi um dos autores mais notáveis da Pedagogia espanhola[[18]](#footnote-18)do século XIX. Escreveu um manual de pedagogia católica[[19]](#footnote-19)que foi referente da corrente normalista tradicional[[20]](#footnote-20). Suas influências no Guia Prático não são extensas, mas de grande importância. Dom Enrique se inspirou no Prólogo para redigir o do GP: a centralidade do mestre, o valor da experiência, o amor às crianças, a preferência do método sintético para as escolas elementares, são as convicções pedagógicas que Ossó transladou para a catequese. Há outras afirmações de concepção educativa: fazer das matérias literárias o veículo da piedade; gravar nas ternas almas das crianças a imagem de Jesus Cristo, inspirar-lhes seu santo amor e temor. Através desta obra, a linha de Pedagogia Católica tradicional começou a influir em Enrique de Ossó.

Do que foi bispo de Tortosa entre 1860 e 1861, Dom Miguel Pratmans[[21]](#footnote-21), usou o texto sobre a catequese do segundo volume da obra *O Caminho do Púlpito[[22]](#footnote-22),* traduzida por ele e escrita pelo superior do Seminário C.[[23]](#footnote-23) A importância do catecismo, que deve ser ensinado, modo de fazê-lo, qualidades da instrução, meios que ajudam e classes de catecismo, foram os conteúdos que Dom Enrique escolheu. Incluiu-os abundantemente nos capítulos 1,3,4,6,7,8 e 9 e em menor medida no 10, 11 e 13.

Pratmans desvela que o conteúdo do artigo VI de sua obra, ”modo de fazer o catecismo”, procede da experiência catequética de São Sulpício[[24]](#footnote-24), Paris, paróquia renovada por J.J.Olier seguindo o espírito da famosa escola francesa de espiritualidade[[25]](#footnote-25)e que estendeu seus métodos catequéticos por toda a França. No parágrafo dois, do “modo de fazer a instrução”[[26]](#footnote-26), se constatam também as recomendações sobre as características das lições que Rendu[[27]](#footnote-27) oferecia aos mestres. As citações que encabeçam os capítulos da *GP,* cuja assinatura é um simples C., a de Boileau, e a das Sinodais de Sidón, Enrique também as extrai desta obra. Por conseguinte, através de Pratmans influíram em Ossó a metodologia catequética da escola francesa de espiritualidade e as afirmações de A. Rendu[[28]](#footnote-28), também pedagogo da corrente católica tradicional.

O ensino catequético de Francisco Javier Besalú[[29]](#footnote-29) lhe subministrou todo o conteúdo dogmático e histórico do volume. Em concreto, Enrique de Ossó incorporou à sua obra: o inicial *Tratado de Gersón,* a bula *Etsi minime* ao final da obra e os capítulos nos que relata a história dos concílios, tanto ecumênicos como espanhóis, que emitiram disposições relativas à catequese (1 e 2). Também incorpora as citações de Posevino.

As convicções espirituais disseminadas por toda a obra proveniente de Gaume, Faber e Ségur fundamentalmente. Ossó mencionou várias vezes seus nomes, reconhecendo sua autoridade espiritual. Efetivamente, ao longo do texto se identificou com Gaume quando comentava a expressão de são Paulo “Vivo eu, mas não eu, é Cristo que vive em mim”, também quando manifesta a urgência de empregar todo nosso tempo em procurar que Jesus viva nos corações ou descrevia o confessor como vigário do amor de Cristo. Faber está presente quando afirmava que Jesus não é amado porque não é conhecido, ao valorizar a sensibilidade aos interesses de Jesus, ao recomendar a vivência de Deus como Pai e, inclusive ao defender Teresa de Jesus como poderosa intercessora. Em monsenhor de Ségur se inspirou quando se propôs destruir a ignorância religiosa e formar Jesus com toda a perfeição nas crianças; ao indicar as penas do inferno; também ao falar ternamente do Menino Jesus, de Jesus como modelo de vida, da amizade com Jesus e da devoção à Eucaristia e Comunhão.

 As citações do livro do P. Ramière, “A oração é a condição essencial da vida sobrenatural e o meio de salvação mais fácil, mais indispensável, mais universal e mais eficaz” e “Não existem males incuráveis enquanto possamos rezar”[[30]](#footnote-30), revelam o uso de seu texto. Sucede o mesmo com Santo Afonso Maria de Ligório[[31]](#footnote-31), citado por Ossó no capítulo 7 ao falar dos novíssimos do homem. No referente às necessidades de ser um devoto e familiar amigo do Coração de Jesus[[32]](#footnote-32), se constata as influências de João Eudes e de Claudio de la Colombière. Estes autores espirituais, devotos, afetivos, centrados na pessoa de Cristo e seus mistérios, ajudaram enrique de Ossó a descrever as atitudes e requisitos espirituais do catequista.

 No terceiro e último grupo se encontram os comentários, expressando em algum ponto sua desconformidade com Planas[[33]](#footnote-33)sobre os exercícios espirituais prévios à primeira comunhão e às práticas que podiam ser feitas nesse dia. Ainda que difira em alguns pontos, segue seu mesmo esquema: necessidade dos exercícios, visitas à igreja, orações, temas das práticas e solenidade da celebração. Finalmente a ode XIII *Da vida do céu,* de frei Luis de León lhe oferece o poético vocabulário com o que Ossó descreveu os cuidados que o Pastor das almas dispensa ao cansado catequista[[34]](#footnote-34)

PEDAGOGIA DA OBRA

A atitude pedagógica do texto se entende no sentido amplo. Trata-se de toda uma série de conselhos espirituais proveniente dos autores mencionados, que buscavam despertar no catequista as atitudes que influem nas crianças: “Saboreie, pois, o catequista com seus pequeninhos detidamente a doçura inefável que encerram estas sublimes palavras que para nosso consolo e ensino pronunciou o Filho de Deus: *Pater noster, qui est in coelis, sanctificetur nomen tuum;* e se santificará com seus pequeninhos[[35]](#footnote-35); ou “não sendo, numa palavra, artéria viva do Coração de Cristo Jesus, não poderá comunicar vida, calor, nem movimento sobrenatural às almas, aos corações de seus ouvintes[[36]](#footnote-36)”. Isto é, trata-se de pedagogia espiritual. O motor que impulsionou esta atitude foi sua confiança na pessoa da criança. São elas que podem regenerar a sociedade[[37]](#footnote-37), e as melhores missionárias, “as crianças serão um auxiliar do sacerdote, uma missionária para aqueles pais, para aquela família[[38]](#footnote-38).

As principais afirmações de metodologia didática se encontram nos capítulos 7 e 8. O conteúdo do cap. 7, artigo 2: o método e os modos de ensinar obteve fundamentalmente de Pratmans com influências de Soto.Com Pratmans foi descrevendo que as instruções fossem breves, claras por sua exatidão, e amenas; cita Fenelon ao aconselhar gravar pouco na cabeça das crianças, explicar as realidades espirituais, e descrever a maneira de aplicar as correções. Ossó mencionava e introduzia a distinção entre os métodos sintético e analítico[[39]](#footnote-39); assunto próprio da ciência pedagógica do momento e não das obras de catequética. Soto indicava que nas escolas se usavam ambos, ainda que tinha mais aplicação o sintético, opinião que Enrique trasladou a seu texto. O artigo 3, sobre os modos de apresentar a instrução, tomou de Pratmans.

No capítulo 9 tocava os temas de ordem, colocação das crianças, prêmios. A fonte, de novo, foi Pratmans, que a recebeu do método catequético de São Sulpício. Concretizava em: necessidade da disciplina, do silêncio e do recolhimento; de um local apropriado, do regulamento, do canto, das recompensas[[40]](#footnote-40)e castigos. Os prêmios também os justificava com sua própria experiência, e também citou santo Tomás de Aquino ao afirmar que todos os homens desejam o bem útil. Igualmente, ressalta a importância de dar solenidade ao ato de distribuição de recompensas.

***APORTAÇÃO DE ENRIQUE DE OSSÓ***

Como ele mesmo indicou, a finalidade que se propôs foi que os catequistas pudessem melhorar seus encontros de catequese. Por isso, partindo de sua própria experiência e procurando que os demais também pudessem melhorá-la, não se preocupou incorporar os ensinamentos de outros autores, cuja eficácia havia conhecido pessoalmente. O fio que unificou as ideias recolhidas foi a intencionalidade pedagógica. Num momento em que a vivência cristã estava em crise, a opção de Ossó foi pôr uma base humana à ação catequética. Escreveu para facilitar aos catequistas o pequeno o difícil passo que vai da ideia à prática, e para permitir às crianças que as notícias sobre Jesus arraigassem em seu interior através da própria psicologia.

As aportações mais valiosas do *Guia Prático:* 1. É um sólido manual para o catequista. Ossó, convencido da capacidade de regeneração social através do catecismo quis[[41]](#footnote-41) oferecer ao catequista meios consistentes para qualificar sua prática catequética. O objetivo era existencial. Em função da ação catequética integrou os distintos âmbitos que podia necessitar o catequista: histórico-eclesial, doutrinal, espiritual, atualidade social, pedagógico e didático, legislativo. 2. A novidade de Enrique de Ossó consistiu no enfoque pedagógico através do qual apresenta a catequese, contribuindo assim para sua renovação. Concedeu prioridade à pessoa do catequista e a suas atitudes como “fator” essencial na transmissão da mensagem, e deu relevância aos meios pedagógicos que mais ajudam a assimilação da parte das crianças. Neste aspecto procurou que a pessoa de Jesus fosse compreendida e amada pela criança, deixando, em segundo lugar a mensagem memorizada do dogma. Este enfoque pedagógico brotou da confiança que tinha nas crianças, em suas capacidades internas, e em suja ação como missionárias. 3. Os resultados[[42]](#footnote-42) obtidos nos três anos de sua Catequética de Tortosa motivaram a publicação da obra e garantiam a eficácia dos meios. Sua experiência o guiou na seleção de autores e conteúdo.

***1872. Revista Teresiana***

Na *Revista Teresiana[[43]](#footnote-43)* se encontra a mesma atitude de pedagogo espiritual, ainda que desde sua criação se centrasse na espiritualidade teresiana. O propósito desta publicação foi dar a conhecer a vida e os escritos de santa Teresa, para facilitar no ânimo dos leitores o caminho da virtude e torná-los fervorosos no seu amor, “que todos os corações, em uma palavra, se revistam dos mesmos sentimentos e afetos generosos e cristãos do coração de Teresa de Jesus, irmã, mestra e doutora. Assim regeneraremos a decaída Espanha”[[44]](#footnote-44)***.*** Para isso em numerosos artigos foi descrevendo os rasgos da personalidade teresiana e suas principais virtudes, em particular desejava exercer o magistério da oração “se a *Revista Teresiana* conseguisse, tão só com seus trabalhos, que uma alma se dedicasse ao exercício da oração, daria tudo por acumuladamente recompensado”[[45]](#footnote-45). Manteve a valorização da experiência pessoal: “Prove-o quem não o crer”[[46]](#footnote-46) Repetia como frequência ao terminar um artigo.

 Finalmente, a mesma erudição e integração de autores do *Guia* se mostram nas páginas da *RT:* artigos, notícias, poesias,comentários, poesias, correspondências, atualidade, orações, retiros preparados, coletas, etc. Diferentes tipos de textos para que todas as pessoas pudessem beneficiar-se e também para amenizar a leitura e permitir uma melhor assimilação.

***1874. O Quarto de Hora de Oração***

A pedido das jovens, no verão de 1874 escreveu um livro para facilitar o exercício importantíssimo da oração mental, e oferecer material escolhido para fazer proveitosamente todos os dias o Quarto de Hora de Meditação, que era prescrito no Regulamento da Associação Teresiana. Em sua origem, outubro de 1873, a finalidade da prática do Quarto de Hora era bem mais modesta: rogar pelos fins e necessidades da Associação e assegurar-se a vida eterna. O bem que fazia nas almas foi orientando Enrique de Ossó, e assim, nos artigos da *RT,* se observa como foi enriquecendo o fim deste momento de oração: em fevereiro de 1874 era já o distintivo das teresianas e em maio explicava: “É como a alma e fundamento da nossa teresiana Associação, o que forma seu caráter, o que lhe dá a fisionomia própria, seu melhor distintivo; este curto tempo lhes ajudará a orientar a vida"[[47]](#footnote-47).

A obra[[48]](#footnote-48) estruturada segundo o esquema de quatro semanas dos *Exercícios Espirituais* de santo Inácio inclui algumas das meditações inacianas, orações de santo Afonso Maria de Ligório, e exames de são Francisco de Sales. Dom Enrique teve a genialidade de levar a espiritualidade dos Exercícios Espirituais à vida de cada dia e possibilitar às jovens que a fizessem. Esta intencionalidade pedagógica, isto é, a atitude de preparar um conteúdo para que possa ser assimilado por uma pessoa, também se observa nos diálogos em que a Santa instrui sobre a oração.

Enrique de Ossó compôs, com textos de santa Teresa, um diálogo virtual entre a santa e a jovem em que foi adaptando a doutrina teresiana da oração a sua realidade e psicologia. Colocou-os antes das meditações da primeira e segunda semanas[[49]](#footnote-49), ou seja, nos momentos chave: antes do Princípio e Fundamento e antes das meditações do conhecimento e seguimento de Jesus Cristo. A intencionalidade pedagógica se evidencia também na escolha do diálogo como forma de expressão. Do ponto de visita da metodologia, a conversação ou forma interrogativa de ensino, era considerada como a mais proveitosa[[50]](#footnote-50) nas escolas elementares.

As meditações dos Exercícios Espirituais revelam a espiritualidade do século XIX, centrada nos novíssimos e vida sacramental e deixa claro o nível apostólico que desejava fosse formado na jovem: sentido da vida, importância da salvação, opção por Jesus e seu Reino, a pessoa de Jesus, atividade apostólica, aceitação da cruz, ressurreição[[51]](#footnote-51).

***1875. Viva Jesus***

Trata-se de uma obra análoga ao Quarto de Hora, em sua estrutura e finalidades, mas dedicada às crianças menores. Observam-se as mesmas influências de autores espirituais que no *Guia Prático,* ainda que em muito menor medida, sendo preeminentes santa Teresa e a atitude pedagógica de Enrique de gravar Jesus Cristo no coração das crianças. Foi seu teresianismo a diferença principal com a obra análoga de Monsenhor Ségur, *O Menino Jesus[[52]](#footnote-52).*

Depois de analisar as obras *Guia Prático do Catequista, Revista Teresiana, Quarto de Hora de Oração e Viva Jesus*, observa-se que nesta primeira etapa 1872-1875, a pedagogia de Enrique de Ossó se caracterizou por formar parte do marco conceitual da catequese e da espiritualidade. Dom Enrique entendia sua missão evangelizadora com um enfoque pedagógico: oferecer meios humanos para assimilar e crescer na fé.

No nível da pedagogia espiritual recebeu uma forte influência da escola francesa de espiritualidade, tanto dos autores mais identificados[[53]](#footnote-53) com ela como de outros afins[[54]](#footnote-54), mas logo a pessoa, doutrina e espírito de Teresa de Jesus assumiu a preeminência. Com o fim de formar nas jovens uma sólida espiritualidade e atitudes apostólicas integrou, num mesmo processo, a experiência teresiana da oração e aspectos centrais dos Exercícios de santo Inácio de Loyola.

A nível de metodologia e didática seguiu as afirmações comuns da pedagogia católica tradicional concretizadas em Soto, Rendu e, de novo, na escola francesa. A experiência pessoal e o proveito das pessoas foram critérios para se orientar na escolha dos meios. Fundamentou solidamente a base teórica, integrando teologia, autores de profunda espiritualidade e escritores de provada piedade.

1. **PEDAGOGIA E ORGANIZAÇÃO UM DE CORPO APOSTÓLICO (1876-1886)**

**1876 – 1877. *Primeiros escritos para o grupo de mestras***

A 23 de junho de 1876 Enrique de Ossó se converteu no fundador de uma congregação religiosa dedicada à educação. Tinha diante um grupo de jovens da Arquiconfraria Teresiana que desejavam ser mestras e no horizonte a aspiração de que fossem santas e sábias como santa Teresa para atrair uma multidão de pessoas a Jesus. O caminho, o estilo, os meios, era o que dom Enrique devia desenhar.

A essas futuras mestras, no primeiro de julho[[55]](#footnote-55) de 1876 lhes deu um simples regulamento: às 5 da manhã começavam a jornada com a meditação e acabava às 22 horas depois do exame de consciência e leitura da meditação do dia seguinte. Estabeleceu cinco horas e quinze minutos para os exercícios piedosos, oração e missa; seis horas e meia para aulas, estudo e outras atividades.

Em agosto de 1876 dava a conhecer a nascente Companhia na *Revista Teresiana*. Iniciava o artigo explicando o acerto da Arquiconfraria, sua fecundidade; continuava afirmando que num exército sempre há uma divisão oque se distingue por sua valentia e virtude; “esta companhia escolhida quis a Santa fosse em seu tempo a Reforma carmelitana, seus filhos do Carmelo”[[56]](#footnote-56), atualmente e dada a gravidade dos males que atacam a sociedade Santa Teresa despertou a Companhia “para que trabalhem no meio do mundo para tornar fecundo, na maior escala possível, o trabalho da mulher e não se contentem em prantear e chorar”[[57]](#footnote-57) , e se Teresa de Jesus vivesse nesse momento veria que a questão capital que se debatia entre religião e impiedade era o ensino. A partir de então incorporou a seus escritos educativos[[58]](#footnote-58) a frase: “Diz-se e é uma verdade, educar um menino é educar um homem, e educar mas educar uma mulher é educar uma família”[[59]](#footnote-59)

Sem data, mas no verão de 1876 e princípios de 1877 apontou numa agenda pessoal os Fins principalíssimos da Companhia de Santa Teresa de Jesus[[60]](#footnote-60). Recolhia o fim doo grupo: “Zelar a maior glória de Deus por meio da salvação das almas. Ser santas e sábias como sua Madre Santa Teresa de Jesus, para com sua virtude e sabedoria atrair os corações ao amor de Jesus” Indicava os meios para consegui-lo: oração, humildade profundíssima, mansidão, obediência perfeitíssima, silêncio e estudo. Destacava as metas da Companhia: as que deem por resultado prático o aumento dos interesses de Jesus, a magnanimidade, uma generosidade sem limites, e detalhava as obras a que se dedicariam: oração e oração associada, fazer nascer vocações eclesiásticas, reforma do clero, apóstolos do quarto de hora de oração, apóstolos da devoção ao Coração Agonizante de Jesus, o ensino. Finalizava com uma exortação a empregar toda a capacidade da pessoa em aumentar os interesses de Jesus.

Uns meses mais tarde, em maio de 1877, enviou ao bispo de Tortosa, Dom Jacinto Peñarroya e a Saturnina[[61]](#footnote-61) o rascunho das futuras regras para que fizesses as observações, mantendo as mesmas atitudes pessoas que no escrito anterior, mas com mudanças importantes. Em setembro às distribuiu às irmãs, urgindo seu fiel cumprimento. Estava desenhando uma congregação religiosa educativa por isso é importante observar com detalhe este documento inicial[[62]](#footnote-62) para captar o sentido pedagógico que Enrique quis plasmar nas primeiras teresianas.

Este primeiro regulamento de 1877, que orientou a vida das primeiras irmãs e foi a base das primeiras *Constituições* recebeu a maior influência das de Teresa de Jesus em 1567[[63]](#footnote-63). A metade do seu conteúdo provém do texto teresiano; grande parte do resto da obra máximas teresianas extraídas de suas obras; se constata bastantes influências de santo Inácio de Loyola, diretas e indiretas, e alguma de são João Batista de la Sale e de são Afonso Maria de Ligório. São José de Calazans foi citado no primeiro esboço, não neste *Diretório Provisório.*

Enrique de Ossó quis que as Irmãs fossem santas e sábias como Teresa de Jesus e para isso lhes indicou as mesmas atitudes com que Teresa definiu sua maneira de viver, e buscou os meios apostólicos em textos de fundadores de outros institutos religiosos de vida ativa[[64]](#footnote-64). As leituras que recomendava eram de autores[[65]](#footnote-65) clássicos espirituais, cujo objetivo era conduzir a pessoa pelos caminhos do espírito, amadurecendo assim sua capacidade de magistério espiritual. Além da espiritualidade, no documento também têm uma importância relevante as referências à vida comum e à sua estrutura (horário, modo de viver, autoridade, etc).

As indicações do conteúdo pedagógico se encontram em: atrair os corações, determinadas a conhecer e amar e fazer conhecer e amar a Jesus, empregar toda a própria capacidade, dedicação completa ao estudo, estudo como meio de apostolado, obtenção de título de mestras Tendo em conta que tratava de formar mestras, se constatam ausências importantes sobre métodos de instrução, procedimentos, princípios e toda a ampla gama de inquietações e conceitos didáticos e educativos que formavam parte do ambiente pedagógico espanhol a partir da segunda metade do século XIX. É notável que as únicas observações de caráter didático sejam as duas últimas, referidas ao aspecto legal da titulação e à qualidade do ensino, o resto descrevem a personalidade da teresiana educadora.

A natureza destes textos revela que no pensamento pedagógico de Ossó era prioritária a pessoa da mestra e sua maturidade espiritual. O objetivo de dom Enrique, nestes momentos, era definir uma personalidade de educadora teresiana e configurar, segundo este uma comunidade.

***1879 -1882. Constituições e Plano Provisório de Estudos***

A composição das Constituições[[66]](#footnote-66) já foi descrita e seus aspectos pedagógicos foram indicados no capítulo anterior. O *Plano Provisório de Estudos começou a ser redigido em novembro de1878[[67]](#footnote-67), durante a estadia de Ossó em Figuerola* com a ajuda de seu amigo Dr.Marsal. Em 1880 sua aplicação já estava efetivada[[68]](#footnote-68). A alusão ao Congresso Pedagógico[[69]](#footnote-69) do mês de maio de 1882, confirma que foi escrito progressivamente. Em junho de 1882[[70]](#footnote-70), solicitava que enviassem o manuscrito a Tarragona para ser impresso. Dia 20 do mesmo mês explicava numa carta que a maior parte fora escrita por sua mão[[71]](#footnote-71). A princípios de setembro de 1882 começaram a distribuir os exemplares[[72]](#footnote-72).

As *Constituições e o Plano Provisório de Estudos* são duas obras que se complementam. Constata-se no processo de elaboração, no conteúdo e na vinculação que dom Enrique sempre expressou. Gestaram-se juntas em novembro 1878 em Figuerola e ambas fazem parte das obras editadas em 1882, comas que o fundador tinha consciência de terminar o corpo doutrinal da Companhia.

Ossó constata sua mútua complementaridade ao indicar o Fim do *Plano de Estudos* introduz neste, textos das Constituições[[73]](#footnote-73): ser santas e sábias para educar segundo o espírito de santa Teresa de Jesus. Delimitou o fim da congregação e o âmbito apostólico nos artigos das *Constituições,* e no *Plano de Estudos* desenvolveu os modos e os meios pedagógicos para sua execução.

A importância de levar à prática o *Plano* foi clara desde os inícios[[74]](#footnote-74), também sua vinculação com as *Constituições[[75]](#footnote-75).* Nas cartas Ossó insistia constantemente às Irmãs em que cumprissem “com fidelidade o Plano de Estudos e as santas Regras”[[76]](#footnote-76). No Natal de 1885 tinha intenção[[77]](#footnote-77) de completar o Plano com as observações que ele havia ido anotando e com as recebidas das Irmãs. Dada a sua unidade, as explicações dadas por dom Enrique sobre as fontes utilizadas na redação das *Constituições*, orienta também no caso do *Plano de Estudos: “*São meios tirados, em sua maior parte literalmente, das obras de vossa seráfica Mãe e de outros santos autores, notáveis todos por seu espírito de zelo pela maior glória de Deus”[[78]](#footnote-78).

Para elaborar[[79]](#footnote-79) o *Plano de Estudos,* além das *Constituições* da Companhia de Santa Teresa de Jesus, Dom Enrique utilizou quatro fontes principais: frases de Teresa de Jesus; a IV parte das Constituições[[80]](#footnote-80) e a *Razão[[81]](#footnote-81)* da Companhia de Jesus; obras de La Salle: *Guia das Escolas[[82]](#footnote-82);* e em menor medida das *Meditações[[83]](#footnote-83) e das Regras Comuns[[84]](#footnote-84)*; finalmente, textos legislativos.

1. Cf. Introducción de la Guía Práctica del Catequista (EEO I, 25). [↑](#footnote-ref-1)
2. Las fuentes se han identificado por el análisis del contenido es decir: confrontando la coincidencia de vocabulario, conceptos y estructura de sus escritos con la de otras obras contemporáneas de pedagogía. [↑](#footnote-ref-2)
3. Cf. J. BALMES, La Religión demostrada al alcance de los niños, advertencia, Barcelona, 8ª ed., 1851. [↑](#footnote-ref-3)
4. Félix Dupanloup (3 enero 1802, San Félix, Saboya – 11 octubre 1878, La Combe de Nancy, Isére). Ordenado sacerdote en 1825, de 1826 a 1834 se encargó del catecismo de la parroquia de La Magdalena, en París, donde hizo maravillas. En 1837 fue nombrado superior del pequeño Seminario de San Nicolás en Chardonnet, revelándose como un excelente educador y organizador. Fue nombrado obispo de Orleans en 1849. Defendió la libertad de enseñanza y gracias a su acción se aprobó la Ley Falloux (1850). De posturas inicialmente conservadoras con el paso de los años se acercó más al catolicismo liberal. Autor de numerosas publicaciones e incansable en su acción pastoral. Su obra más importante es De l’education, seis volúmenes escritos entre 1850 y 1866. [↑](#footnote-ref-4)
5. De l’education, ed. Charles Douniol, 6ª ed., París, 1861. [↑](#footnote-ref-5)
6. Ob. Cit. Tomo III, 373. [↑](#footnote-ref-6)
7. Ob. Cit. Tomo III, 374 [↑](#footnote-ref-7)
8. L. RESINES, La Catequesis en España, Madrid, BAC, 1997, p. 606. Cita a tres autores como los renovadores de la enseñanza catequética en España: Francisco Javier Besalú (1863), Enrique de Ossó (1872) y Juan Fernández L. (1892). [↑](#footnote-ref-8)
9. Carta a Sardá, nº 13, 6 mayo 1871. [↑](#footnote-ref-9)
10. GC, EEO I, 176. [↑](#footnote-ref-10)
11. GC, 74. [↑](#footnote-ref-11)
12. GC, 80. [↑](#footnote-ref-12)
13. Cf. Anexo, doc. 1. [↑](#footnote-ref-13)
14. Mi buen amigo: ahí va con la bendición de Dios mi primer ensayo. No lo mire con pasión como su autor; por eso corríjale sus defectos sin ningún miramiento. El original es tal como lo escribí por primera vez. Reconozco debía limarse y darle en algo más orden, pues escrito está en varias épocas y no siempre estando el ánimo libre y tranquilo. Es un favor que le agradecerá en el alma su afmo. S.S. y amigo y capellán in corde Jesu” (carta a Sardá, [↑](#footnote-ref-14)
15. “Es verdad: mi obra no es releída, pues en varios tiempos fue compuesta, y como soplaba. Debía refundirse, pero no hay tiempo” (Respuesta de Enrique de Ossó a Sardá, 3 agosto 1872, nº. 18). [↑](#footnote-ref-15)
16. “A lo menos, pues, vosotros, jóvenes amados, esperanza y plantel de la Iglesia de Jesucristo, oíd mi voz, meditad mis razones, que no so mías, aceptad gustosos esta corona de flores hermosas que he trabajado para orlar las sienes de nuestro amado Niño Jesús. No exijo que aceptéis todo lo que hay en la corona: desechad, si os desplacen, las cintas que unen estas flores; cambiad, si os parece, la colocación de sus colores porque es lo único mío: las flores; cambiad, si os parece, la colocación de sus colores, porque es lo único mío: las flores de profundo saber y bella observación que hallareis, las prácticas y reglas que leyereis, son obra del buen Jesús, recogidas en hermoso tratados de Doctrina Cristiana. Aceptad esas flores, pues, y desechad las cintas; agradaos y recreaos con su divina fragancia, no parando mientes en la mayor o menor destreza con que está unidas, pues la flor, aun en manos rústicas, es siempre agraciada. No dudo serán acogidas estas flores con agrado por espíritus donceles, que ya han corrido al olor de los perfumes que exhalan las flores que el divino jardinero Niño Jesús cultiva, pinta, hermosea y colora con singular destreza y bondad, y porque además de esto, nadie mejor que vosotros, juventud estudiosa, reportará tanto provecho de la enseñanza del Catecismo. Oíd” (GC, EEO I, 76). [↑](#footnote-ref-16)
17. El análisis textual revela que Ossó utilizó esta obra para componer su Guía Práctica, aunque no se excluye que también hubiera leído en estos años la obra apologética que el carmelita Juan de Jesús y María publicó en Roma (1613) sobre la pedagogía de san José de Calasanz, De pía educación sirve cultura pueritiae, que contiene los mismos principios pedagógicos. [↑](#footnote-ref-17)
18. R. BLANCO Y SÁNCHEZ, Bibliografía pedagógica de obras escritas em castellano, Madrid 1912, tomo I, LXXX. [↑](#footnote-ref-18)
19. Manual de educación cristiana, o Pedagogía teórico-práctica elemental por Calixto Soto de la Virgen de los Dolores, Madrid 1870. [↑](#footnote-ref-19)
20. T Rabazas, Los manuales de Pedagogía y la formación del profesorado en las escuelas Normales de España (1830 - 1901), Madrid 2001, p. 139. [↑](#footnote-ref-20)
21. Antes de ocupar la sede tortosina fue rector del seminario de Solsona, en el que se dedicó mucho a la formación de los sacerdotes. [↑](#footnote-ref-21)
22. Camino del pupito. Curso completo de predicación mostrado por el superior del Seminario de C. en un curso de Predicación traducido y copiosamente aumentado por D. Miguel Pratmans. Barcelona, 1854. [↑](#footnote-ref-22)
23. Puede tratarse del superior del Seminario de Caen, Mr. Lc Franc, de la congregación de los Eudistas, asesinado en 1792 o del de Cahors, Juan Bautista Solacroup (1746 – 1833), gran teólogo y pastor humilde y piadoso. Ambos centros bajo la influencia de la escuela espiritual francesa. [↑](#footnote-ref-23)
24. Camino del pupito, p. 208. [↑](#footnote-ref-24)
25. P. Barullé (1575 – 1629), Juan Eudes (1601 – 1680), J.J Olier (1608 – 1665), Juan Bautista de La Salle (1651 – 1719), Grignion de Montfort (1673 – 1716) son el fundador y algunos de sus más conocidos representantes. Bajo su influjo se encuentran Vicente de Paúl (1581 – 1660), F.S. Fenelón (1651 – 1715), W.F. Faber (1814 - 1863). [↑](#footnote-ref-25)
26. Camino del púlpito, p. 208. [↑](#footnote-ref-26)
27. La primera edición francesa: Cours de pedagogía, à l’usage des écoles normales primares, par M. Ambroise Rendu filis, París, Langlois et Leclercq, 1841. Para confrontar el texto ver la traducción española: A. RENDU, Curso de Pedagogía, traducida por D. Mariano Carderera, Tarragona, 1845. [↑](#footnote-ref-27)
28. Eugene Rendu y Ambroise Rendu, padre e hijo, fueron pedagogos. A lo largo de este trabajo se hace referencia siempre a Ambroise. [↑](#footnote-ref-28)
29. F.J. BESALÚ y Ros, Enseñanza Catequística. Apología, métodos, leyes y catecismos recopilados y traducidos para fomentar y generalizar la importantísima enseñanza de la doctrina cristiana. Establecimiento tipográfico, Madrid, 1863. [↑](#footnote-ref-29)
30. H. RAMIERE, El Apostolado de la Oración, Barcelona, 1865. Imprenta Magriña y Subirana, pp. 105 y XLII, respectivamente. [↑](#footnote-ref-30)
31. A.M. LIGORIO, Preparación para la muerte, Barcelona, 1864. Librería de Pons y Compañía, Barcelona. Toda la obra es un comentario a la idea de que la consideración de las postrimerías ayuda a vivir mejor. [↑](#footnote-ref-31)
32. La devoción al Sagrado Corazón de Jesús formaba parte del ambiente espiritual del siglo XIX. André Martorell sí, el mejor amigo de Enrique de Ossó, se distinguió por la reflexión doctrinal sobre esta devoción. Escribió en 1875 un tratado en el que divulgó los fundamentos históricos, teológicos y ascéticos de este culto, y fue muy bien acogido. [↑](#footnote-ref-32)
33. Arte Pastoral do Método para governar bien uma parroquia. Impr. De Pablo Riera, 1860, Barcelona. [↑](#footnote-ref-33)
34. GC, EEO I, 32 -33. [↑](#footnote-ref-34)
35. Tomado de Faber, Todo por Jesús, pp. 76 – 77, cf. GC EEO I, 39. [↑](#footnote-ref-35)
36. GC, EEO I, 74. [↑](#footnote-ref-36)
37. “La Catequística, especialmente empleada en los niños, es el medio más eficaz, para civilizar y cristianizar a los pueblos, y libertar al mundo de grandes cataclismos”, “Los niños, pues, y solo los niños, pueden en este caso regenerarla” (GC, EEO I, 80). [↑](#footnote-ref-37)
38. GC, EEO I, 82. [↑](#footnote-ref-38)
39. Esta distinción era propia de los manuales de Pedagogía del momento. Entre la numerosa literatura pedagógica del siglo XIX abundaban las confusiones y disparidad de valoraciones respecto de ambos métodos. La mayoría de autores, aun indicando la necesidad de ambos, valoraba más el analítico. [↑](#footnote-ref-39)
40. Ganan el corazón de los niños, les hacen amar el catecismo, son el nervio del catecismo; es necesario distribuir puntos, imágenes. [↑](#footnote-ref-40)
41. Enrique de Ossó no buscó ofrecer un tratado teórico o una nueva visión pastoral de la catequesis, buscó medios que facilitasen la asimilación de los niños. [↑](#footnote-ref-41)
42. En temas de apostolado hablar de resultados conlleva el riesgo de entender solo el aspecto verificable que posee el concepto. No es ese el sentido que le dio Enrique de Ossó o sus fuentes (Segur, Gaume, etc.). Estos querían subrayar la dimensión histórica – viral en la misma línea de las afirmaciones evangélicas: haz esto y viveras o por sus frutos los conoceréis. [↑](#footnote-ref-42)
43. En este apartado se considera los primero números de la RT, los que son contemporáneos a la GC. Con el paso del tiempo los intereses y temas que preocupaban a Enrique encontraron espacio en sus páginas, por ello la revista fue ampliando sus horizontes. [↑](#footnote-ref-43)
44. RT, octubre 1872, introducción, 13. [↑](#footnote-ref-44)
45. RT, febrero 1873, 112. [↑](#footnote-ref-45)
46. RT, marzo 1873, 145. [↑](#footnote-ref-46)
47. RT, mayo 1874, 218. [↑](#footnote-ref-47)
48. El índice del Cuarto de Hora de Oración revela su dependencia de los Ejercicios Espirituales de san Ignacio (cf. Anexo, doc. 2). [↑](#footnote-ref-48)
49. Semana según el contenido de los Ejercicios Espirituales, no según el índice del libro de Ossó que formalmente dividía la obra en nueve semanas; los diálogos están antes de la primera y la cuarta. [↑](#footnote-ref-49)
50. Soto, p. 171. [↑](#footnote-ref-50)
51. En los comienzos se leía la meditación de las dos banderas, que enrique de Ossó llama de los dos señores, el día de la instalación de la Archicofradía en un pueblo “La instalación se hace poniendo a Jesús sacramentado de manifestó, [...] luego el cuarto de hora de oración (meditación los dos señores de la 3ª semana), una corta platica” (carta a Sardá, nº 30, 29 junio 1875). [↑](#footnote-ref-51)
52. Tipografía Católica, Barcelona, 1871. [↑](#footnote-ref-52)
53. El método de catequesis utilizado en la iglesia de San Sulpicio, París. [↑](#footnote-ref-53)
54. Fenelón, Faber, Ségur. [↑](#footnote-ref-54)
55. AGSTJ. Vol. 26, 150. [↑](#footnote-ref-55)
56. RT, agosto 1876, 306. [↑](#footnote-ref-56)
57. Ib. [↑](#footnote-ref-57)
58. Cf. RT, mayo 1879, 219; agosto 1879, 322; agosto 1886, 338; agosto 1889, 320, y AP, EEO II, 769. [↑](#footnote-ref-58)
59. Este es la primera vez que Ossó se hacía eco de esta frase. En la RT de agosto de 1886, p. 338 y 1889, p. 329 vuelve a aparecer: “Se ha dicho muy bien que educar a un niño es educar un hombre, mas educar a un mujer es educar una familia, e que el mundo para regenerarse solo necesita buenas madres”; también en la carta a Carmen Chavarría, 31 agosto de 1882 (AGSTJ. Vol. 19, 75), Ossó indicaba claramente que asumía el pensamiento de otra persona. En la RT de febrero, p. 144 y marzo de 1878, p. 160 ponía esta frase, con la firma de “A”. como encabezamiento de los artículos “La obra de mayor gloria de Dios”. A puede ser la inicial de un autor o puede tratarse de uno de los pseudónimos con los que don Enrique firmaba artículos de la RT. No se ha encontrado el autor de esa frase, pero sí dos escritores franceses que explican ese mismo pensamiento: LOUIS-AIMÉ MARTIN, Educación de las madres de familia, o, De la civilización del linaje humano por medio de las mujeres, 2ª ed. Barcelona, Joaquín Verdaguer, 1842, pp. 14, 31, 42, 45, y JULES MICHELET, La femme, 3ª ed., París, Hachette, 1860, pp. 11-119 (las pp. Indicadas son un ejemplo). La frase de Ossó sería consiguientemente una síntesis después de leer estas obras, su pseudónimo indicaría esa labor de síntesis y el “se ha dicho” sería el reconocimiento de fuentes externas. [↑](#footnote-ref-59)
60. AGSTJ. PIB XIV, I Aunque carece de fecha, el escrito inmediatamente posterior a este y que guarda una semejanza muy grande en caligrafía y tinta, es del 26 de marzo de 1877. [↑](#footnote-ref-60)
61. Cf. ASTJ. Vol. 10, 87, carta a Saturnina, 10 mayo 1877. [↑](#footnote-ref-61)
62. Cf. Anexo, doc. 3 Índice Directorio Provisional, 8 agosto 1877. [↑](#footnote-ref-62)
63. Tras las vicisitudes por las que pasó la formulación definitiva de las Constituciones de Teresa de Jesús, el P. Jerónimo de San José analizó las copias, estableció la redacción definitiva, admitiendo que el contenido es el confeccionado por la Santa en 1567 (cf. BAC, pp. 818 – 819, 8ª ed., 1986). [↑](#footnote-ref-63)
64. Saturnina escribía a su madre: “¿Qué es la Compañía de Jesús en los hombres? Ha sido y será como la luz y encanto de todos los bien nacidos corazones, y he aquí lo que va a ser esta Compañía respecto a las mujeres. Nuestra santa regla que hace poco nos dieron, participa bastante de la de los jesuitas, puesto que el superior de esa capital (Tarragona) es íntimo amigo de Mn. Enrique” (AGSTJ. Cartas Saturnina I, nº 29, 9 febrero 1878). [↑](#footnote-ref-64)
65. Santa Teresa; Vida devota de San Francisco de Sales; Práctica del amor a Jesucristo de SAN ALFONSO MARÍA LIGORIO; el Año Cristiano, o Ejercicio de perfección y virtudes cristianas, S. ALONSO RODRIGUEZ, de la Compañía de Jesús; El combate espiritual, del teatino don LORENZO SCUPOLI, 1530 – 1610; Máximas Fundamentales del P. FERRER (san Vicente Ferrer, 1774 – 1781, sacerdote de la Congregación de la Misión fundada por san Vicente de Paúl); Kempis. [↑](#footnote-ref-65)
66. Ver en esta misma obra, Vol. I, cap. Segundo sobre las Constituciones. Su evolución parte del Directorio Provisional de 1879, ya [↑](#footnote-ref-66)
67. La primera noticia de un Plan de Estudios aparece en la carta de Enrique de Ossó a Saturnina Jassá, sin fecha exacta, solo noviembre de 1878 (AGSTJ. Vol. 14, 16 ) en la que decía: “Trabajamos mucho con Dr. Marsal,, y ya está casi concluido. Hoy lo hemos hecho con el plan y método de estudios (Deo gracias)”. Está incluida como si fuera de 28 de noviembre de 1881, pero los asuntos a tratar no coinciden con las otras cartas del mismo día y año. En cambio, la carta se inserta muy bien en 1878, el 28 noviembre, tanto por cronología como por contenido. Ese fue el único año en que a finales de noviembre don Enrique se retiró con el Dr. Marsal a Figuerola para escribir las Constituciones e la Compañía (cf. Cartas del 21 de noviembre al 1 de diciembre de 1878, AGSTJ. Vol. 2, 82; Vol. 1, 86). [↑](#footnote-ref-67)
68. El 10 de julio de 1880 recomendaba a Rosario Eliés y Agustina Alcoverro: “No si hacéis ya vacaciones por la tarde. Según nuestro Plan de Estudios, el 2 de julio hay ya vacaciones por la tarde, y el 12 de julio mañana y tarde hasta el 30 de agosto” (AGSTJ. Vol. 9, 31). Son las mismas fechas indicadas en el Plan, solo que en esa obra en lugar del 12 se indica el 14 de julio. [↑](#footnote-ref-68)
69. PE, XIII. Se llevó a cabo en Madrid del 28 de mayo al 4 de junio de 1882, Gaceta de Madrid del 10 de mayo de 1882, nº 130. [↑](#footnote-ref-69)
70. “Mirad si hay en un cuadernito o libreta en que está escrito el Plan de Estudios y otras cosas, relativas todas a las profesoras de la Compañía. Mandadlo enseguida por correo a esta de Tarragona, pues se há de imprimir” (AGSTJ. Vol. 12, 50, carta a Dolores Llorach, 21 junio 1882, desde Tarragona). [↑](#footnote-ref-70)
71. Carta a Saturnina Jassá, 20 de junio 1882, desde Tarragona: “Mira si hay en esa, en especial en el reclinatorio principal de la clase de las hermanas, un libro o cuaderno en que está el Plan de Estudios y advertencias a las profesoras la mayor parte escrito de mi mano. Si lo hallas, mándalo sin perder tiempo, pues se ha de imprimir” (AGSTJ. Vol. 8, 42). [↑](#footnote-ref-71)
72. AGSTJ. Vol. 8, 24, carta a Saturnina Jassá, datada a mediados de septiembre 1882. [↑](#footnote-ref-72)
73. Son pocas frases pero esenciales. Los textos incorporados se refieren a: PE, EEO II, 232: el fin es ser santas y sabias [3]; la Compañía se consagra con preferencia al apostolado de la enseñanza [2]; importancia del estudio en la Compañía [18] – PE, 234: unidad de sentir y actuar, unión de voluntades [50] – PE, 237: amarse como hermanas y respetarse como princesas [73] – PE, 237: Enrique de Ossó indicaba un nuevo fin para la Compañía que como tal no aparece en las Constituciones: desterrar el lujo en el vestir [ver capítulo 10, Celo por los intereses de Jesús], aunque ciertamente da importancia a la sencillez del vestido [89 – 90] – PE, 239: transmitir el espíritu de santa Teresa de Jesús [44] – PE, 249: cautela en el trato [69] [85] – PE, 253: uno de dos fines fomentar la vocaciones eclesiásticas [37]. [↑](#footnote-ref-73)
74. A Dolores Llorach le escribía el 17 enero 1884: “Dad un Plan de Estudios a Mn. Comas, si no tiene, pues conviene ponerlo en práctica todo” (AGSTJ. Vol. 15, 17); y a Saturnina, el 9 septiembre 1884, le indicaba: todavía no se “ha puesto en planta el Plan de Estudios, y esto se debe ensayar, principiar y perfeccionar” (AGSTJ. Vol. 3, 114). [↑](#footnote-ref-74)
75. Un ejemplo de la estrecha relación de ambas obras son las cartas del 26 de febrero de 1885 a las residencias de Aleixar (AGSTJ. Vol. 1, 114), Ensanche (Vol. 29, 23), y La Almunia (AGSTJ. Ossó – Cartas II, 58) que debieron recibir el resto de casas a modo de circular. El 25 de marzo enviaba, también a varias casas, otra carta, a manera de examen sobre el Plan de Estudios: Arco de Junqueras (PIB Vol. VI bis, p. 1), y Aleixar (Vol. 1, 130). El 23 de agosto de 1889, desde Montserrat escribe a las profesoras de Villanueva y Geltrú enviándoles nuevos exámenes para ayudarles a cumplir el Plan de Estudios (Ossó – Cartas II, 100). A la comunidad La Almunia, 6 junio 1893, les escribía: “Cumplid con fidelidad el Plan de Estudios y las Santas Reglas” (Ossó – CARTAS IV, 180). [↑](#footnote-ref-75)
76. AGSTJ. OSSÓ – CARTAS IV, 180, 6 junio 1893 a la comunidad de La Almunia. [↑](#footnote-ref-76)
77. “Envíame, si tienes, las notas que hicimos del Plan de Estudios, porque en estas vacaciones lo adelantaría. Si las hermanas tienen algo que notar, díganlo. Yo conservo las advertencias que dieron hace algún tiempo” (AGSTJ. Vol. 9, 132, carta a Agustina Alcoverro, 15 diciembre 1895). [↑](#footnote-ref-77)
78. A las Fundadoras de la Compañía de Santa Teresa de Jesús, en Constituciones de la Compañía de Santa Teresa de Jesús (EEO II, 12). [↑](#footnote-ref-78)
79. Cf. Anexo, doc. 4. [↑](#footnote-ref-79)
80. Las Constituciones, escritas por san Ignacio, buscaban formar un Cuerpo para la Misión y se estructuraban en diez “Partes Principales”. La IV trataba “Del instruir en letras y en otros medios de ayudar a los prójimos los que se retienen en la Compañía”. Recogía los principios pedagógicos y la organización de la enseñanza para una sólida formación humana e intelectual. [↑](#footnote-ref-80)
81. La Ratio ataque Instituto Studiorum Societatis Jesu recogía el plan de estudios de profesores y educandos y la manera de enseñar propia de los colegios de la Compañía. Se definió tras años de práctica, el texto más primitivo fue el de Nadal de 1548 para el colegio de Messina, las consultas e intercambio de pareceres cristalizaron en dos reacciones provisionales en 1586 y 1591. El superior general, Acquaviva, recopiló y promulgó el texto oficial en 1599. [↑](#footnote-ref-81)
82. La Guía de las Escuelas es el libro que recoge el modo de dar clase y de mantener las escuelas del Instituto. Todos los hermanos debían tener en cuenta dichas prescripciones. En los primero años circuló en forma de manuscrito, probablemente escrito entre 1704 y 1706. Este sufrió en 1720. Fue una obra compuesta poco a poco, fruto de las experiencias de la enseñanza y de la necesidad de unificar las prácticas en todos los colegios del Instituto. Aunque el redactor final fue el Fundador, en la composición intervinieron muchos hermanos con experiencia de maestros. [↑](#footnote-ref-82)
83. Las Meditaciones. Juan Bautista de La Salle [↑](#footnote-ref-83)
84. Las Reglas Comunes de los Hermanos de las Escuelas Cristianas recogen los principios espirituales y normas cotidianas que definían la vida de los hermanos. No surgieron por decisión personal de Juan Bautista sino a petición de los mismos maestros. El primer manuscrito, aprobado en el primer Capítulo general, es de 1694. La edición que pudo consultar Enrique de Ossó fue la edición prínceps de 1726, en francés, ya que hasta 1903 no salió la primera edición en español. [↑](#footnote-ref-84)